

Pastore vai a Nova York. Assunto: rolagem da dívida.

JORNAL DA TARDE

crédito Externo

William Rhodes, presidente do comitê renegociador de nossa dívida, convidou Pastore para uma reunião, dia 2, com os 14 maiores credores do Brasil.

Uma reunião com os 14 maiores bancos credores do Brasil, no próximo dia 2, em Nova York, deverá ser o início, ainda que em tom informal, da rolagem dos compromissos brasileiros a vencerem a partir do próximo ano.

O convite foi formulado por William Rhodes, presidente do comitê renegociador e vice-presidente do Citibank, que não estabeleceu nenhuma pauta prévia para o encontro entre os banqueiros e o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore.

A informação foi prestada ontem pelo vice-presidente no Brasil do Banco de Tóquio, Tatsuo Hiranuma, após encontro com o diretor da área bancária do Banco Central, José Luiz Silveira Miranga.

Hiranuma não quis comentar o peso da indefinição do quadro sucessório para a fixação da data de início da fase três de renegociação. Mas ressaltou que os credores só querem que "o próximo governo mantenha a política econômica em vigor".

Como dirigente de um dos bancos integrantes do comitê de assessoramento, Hiranuma afirmou que o Brasil leva para a fase três "elementos positivos para negociar com os credores" e, se de fato não precisar de jumbo superior a US\$ 3 ou 4 bilhões, obterá não só maior prazo e menor spread — taxa de



risco — nos novos empréstimos como também condições mais favoráveis em outros pontos.

Após confirmar a tendência de melhoria das contas externas e garantir a continuidade da atual política econômica no próximo governo, o Brasil deve somente, na opinião do vice-presidente do Banco de Tóquio, controlar a inflação. Segundo ele, o País deve, pelo menos, fechar o ano com a inflação abaixo dos 211% de 1983, para evitar a impressão, no Exterior, de que o governo perdeu o controle dos preços internos.

Do lado japonês, Hiranuma assegurou que os bancos credores aceitarão os termos da renegociação conduzida pelos demais bancos. Dentro do "pacote financeiro", acertado na viagem do presidente Figueiredo a Tóquio, lembrou que o Japão quer fechar os entendimentos bilaterais de dívidas renegociadas no âmbito do Clube de Paris para, depois, concluir o processo administrativo dos financiamentos a importações brasileiras de produtos japoneses e a programas de desenvolvimento, como o de exploração dos cerrados.

Hiranuma observou ainda que o Japão mantém a posição de terceiro maior investidor estrangeiro no Brasil, com quase 10% do total das aplicações de risco ingressadas no País. Apesar da crise brasileira, o estoque de capital japonês permanece em torno de US\$ 2 bilhões, sem que bancos ou empresas do Japão tenham apelado para a comercialização de créditos como forma de registrar "investimento barato" no Brasil.

O vice-presidente do Banco de Tóquio apoiou ainda a proposta da União de Bancos Suíços para que o Brasil contrate empréstimos com lastro em outras moedas que não o dólar norte-americano. Informou que o seu banco tem em negociação dois empréstimos com estatais brasileiras, respectivamente, de US\$ 80 milhões e 15 bilhões de ienes. Mas, ao contrário do Banco Suíço, Hiranuma vê pouca perspectiva de o Brasil colocar bônus em substituição à parcela da dívida externa, a juros fixos.

Protecionismo

Em Porto Alegre, o embaixador da República Federal Alemã no Brasil, Walter Gorenflo, que participará no Rio Grande do Sul dos festejos do 160º aniversário da colonização alemã, condenou ontem as políticas econômicas protecionistas, considerando-os "um perigo permanente para a economia mundial". Mas observou que a adoção de tais medidas "é sempre uma tentação", para os governos de países que enfrentam dificuldades.

Sobre os prejuízos que as barreiras protecionistas de países credores, e em especial do Mercado Comum Europeu, podem causar a países devedores como o Brasil, para o fechamento de suas dívidas externas, Gorenflo comentou que é "um princípio econômico de seu país condenar todas as formas de protecionismo, pois gera um preço muito alto, sobretudo para países como a Alemanha, dependentes de uma série de importações".